

FMI adverte: redução do crescimento e protecionismo ameaçam a economia.

No momento em que está sendo aberta em Genebra a reunião da Unctad, a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento, o diretor-geral do Fundo Monetário Internacional, Michel Candessus, abandona o silêncio que caracteriza a direção dessa instituição para fazer uma dupla advertência: os perigos da redução do crescimento e a intensificação das pressões protecionistas. Esses são, a seu ver, os dois principais riscos com que se defronta a economia mundial.

Quanto ao problema da dívida internacional, Michel Candessus reafirma a nova postura do FMI, dizendo que é preciso garantir o restabelecimento de relações, entre credores e devedores, que permitam que investimentos produtivos não sejam comprometidos por insuficiência de fundos. Para Candessus, não é normal que os países em desenvolvimento continuem reembolsando seus credores sem que recebam, em contrapartida, novos capitais. Ele considera também normal que um tal volume de créditos continue sendo concedido de maneira cega, como no passado, fim dos anos 70, a países de solvabilidade limitada: "Nos encontramos numa situação em que certos países devem reembolsar capital e juros que superam sua capacidade de poupança e onde os bancos não parecem inclinados a aumentar seus riscos".

A entrevista de Michel Candessus foi publicada em Paris pelo jornal **Le Monde** e revela a esperança de que esses perigos possam ser afastados desde que os dirigentes dos países industrializados desenvolvam uma ação coordenada, como manifestaram a intenção no encontro de Veneza. Para Candessus, é preciso acabar com essa tendência de buscar nos EUA as causas de todos os males, pois a queda das taxas mundiais de crescimento se deve também ao processo de letargia que a Europa atravessa.

O grande objetivo, no momento, é promover a retomada do crescimento sem permitir que a inflação seja relançada ou o problema do desemprego agravado. Candessus reconhece que esse é um campo de ação limitado, constatando uma estreita margem de manobra dos países, em matéria orçamentária e monetária. Ele se volta para os países cujo balanço de pagamentos é positivo, lembrando que eles têm uma responsabilidade maior, devendo reforçar sua demanda interna e reciclar seus excedentes. Todos os países, entre eles os novos industrializados, devem participar desse esforço de estimulação da demanda mundial. Mesmo as nações em dificuldades ou em equilíbrio precário podem ajudar aumentando seus esforços em matéria de ajustamento estrutural.

Indagado se o FMI pretendia adotar medidas contra os chamados "maus alunos" o diretor-geral do Fundo disse que o papel da organização não é o de um professor que dá boas ou más notas a seus alunos: "O FMI não tem nem meios e nem gosto para represálias". A seu ver o papel do Fundo consiste em analisar, informar e facilitar a cooperação internacional.

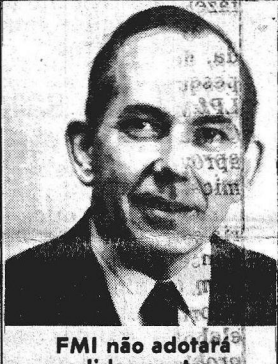
Ele está também convencido de que a evolução das taxas de juros constitui uma ameaça suplementar para os países endividados, dizendo que esse é o aspecto que deve ser levado em conta nas negociações com os países em dificuldades. Essa evolução constitui também um sinal de alarme para os países industrializados, indicando que eles também devem pôr em ordem suas economias internas. A seu ver, a estratégia de ajustamento para o crescimento não se impõe apenas para os países que pedem socorro ao FMI, mas a todos.

Candessus está esperançoso pelo realismo adotado por países intermediários, isto é, relativamente desenvolvidos, mas envolvidos com problemas de dívida. A solução dos problemas de endividamento desses países vai demorar ainda algum tempo e exigirá um engajamento duradouro de todos os parceiros interessados. De qualquer forma, segundo Candessus, uma boa parte do trabalho do FMI consiste em convencer cada um do interesse de cooperar com o outro. Só dessa forma poderá haver uma solução.

Separação

Finalmente, ao ser indagado sobre como evitar que as orientações do FMI conduzam a um agravamento da situação dos grupos mais desfavorecidos nos países endividados, aumentando as possibilidades de desestabilização social e política, o diretor-geral do FMI pretendeu ser o mais claro possível, tendo em vista a gravidade desse problema. Em primeiro lugar, disse que é preciso separar os males e os remédios. Os males são o desenvolvimento interno e o externo, entre eles, más políticas econômicas que podem conduzir um país a apelar para o Fundo *in extremis*. Nesse momento, as medidas de ajustamento são obrigatoriamente severas. Quando se trata de corrigir uma política econômica mal orientada, várias são as opções possíveis, atingindo direta ou indiretamente oiu menos as categorias mais pobres da população. Candessus explica que as difíceis opções devem ser feitas pelo governo do país, sendo que certos países são pouco eficazes na sua assistência aos mais pobres, sofrendo pressões de grupos que se opõem a mudanças convencidos de que elas possam afetá-los diretamente. Por essa razão, melhores meios de proteger as populações mais pobres durante um processo de ajustamento precisam ser encontrados, sendo que o FMI tem encorajado os esforços dos países nesse sentido. Mas, em última análise, Michel Candessus afirma que incumbe às autoridades dos países-membros essa opção final.

Real Junior, de Paris



FMI não adotará medidas contra os países devedores.

É o que garante, em Paris, o diretor-geral Michel Candessus